



VENEZUELA

Nobel da Paz prepara o regresso

María Corina Machado faz viagem secreta, com apoio dos EUA, e chega a Oslo depois de ser premiada. A líder opositora reafirma que voltará ao país "no momento adequado", apesar dos riscos, e anuncia planos para percorrer a Europa

» SILVIO QUEIROZ

Na primeira aparição pública depois de 11 meses, a líder opositora venezuelana e ganhadora do Prêmio Nobel da Paz María Corina Machado anunciou para centenas de apoiadores, em Oslo, que atenderá a "diversos convites" que recebeu para eventos na Europa e acompanhará o desenvolvimento da situação no país para regressar quando identificar "condições propícias" de segurança. María Corina vive clandestina desde agosto de 2024, quando foi proclamada a reeleição do presidente Nicolás Maduro, e viajou em segredo, com ajuda do governo norte-americano. Não chegou à capital norueguesa a tempo para a cerimônia de entrega do prêmio, recebido por sua filha, Ana Corina, mas desde o desembarque aproveitou cada oportunidade para atacar o regime de Caracas e agradecer o apoio dos EUA, em especial do presidente Donald Trump.

"Meu retorno à Venezuela será quando considerarmos que existem as condições propícias em termos de segurança, e não depende da saída ou não do regime", afirmou. "Será o quanto antes", antecipou, dirigindo-se a apoiadores reunidos no Grand Hotel de Oslo, que costuma hospedar os laureados com o Nobel da Paz. "Vim receber o prêmio em nome do povo venezuelano e o levarei à Venezuela no momento adequado", continuou. "Não direi quando nem como isso acontecerá, mas farei todo o possível para poder retornar, e também para acabar com essa tirania muito em breve."

Venezuelanos exilados e outros apoiadores aplaudiram María Corina com entusiasmo, quando acenou da sacada do hotel, e depois a receberam na rua com cantos e gritos por liberdade e democracia. A líder opositora aproveitou uma entrevista coletiva para confirmar que sua saída do país, realizada em

Odd Andersen/AFP



María Corina é recebida em Oslo por autoridades e apoiadores: "Vim receber o prêmio em nome do povo venezuelano e o levarei à Venezuela no momento adequado"

sigilo, teve apoio e cobertura dos EUA — sem entrar em detalhes sobre como driblou a vigilância policial. Em outro compromisso, no Parlamento norueguês, agradeceu "a todos os homens e mulheres que arriscaram suas vidas" para que ela pudesse viajar a Oslo.

"Ela disse que vai regressar, mas reconhece também os riscos que isso representa para ela, pessoalmente", disse ao **Correio** a cientista política

venezuelana María Isabel Puerta, professora da Universidade Estadual do Colorado (EUA). A acadêmica avalia que o Nobel da Paz "torna mais visível sua luta e a dos venezuelanos, em um momento crítico na luta pela democratização do país". Na mesma linha, o cientista político Orlando Vieira-Blanco, colunista do jornal venezuelano *El Universal*, elogiou o Comitê do Nobel pela escolha da premiada, e criticou os que questionam a decisão como

ingerência externa. "Os direitos humanos não podem continuar sendo subjugados e sujeitos aos postulados de soberania e não intervenção quando um Estado está sequestrado por um regime criminoso", afirmou à reportagem.

Petroleiro

A reparação pública da dirigente opositora coincide com o acirramento da crise entre o

regime de Maduro e os EUA, que na véspera arrestaram um petroleiro venezuelano e confiscaram a carga a bordo — segundo informações que circularam ontem, o carregamento seria destinado a Cuba. A porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, informou que o navio era objeto de sanções havia anos e seria conduzido a um porto norte-americano. Paralelamente, o Departamento

de Estado anunciou que as medidas serão estendidas a outras empresas marítimas que transportam petróleo venezuelano.

O comunicado também formaliza a imposição de sanções a três sobrinhos de Maduro acusados de envolvimento com o narcotráfico. Dois deles, Franqui Francisco Flores de Freitas e Efraín Antonio Campos Flores, foram detidos em Nova York, em 2016, e condenados, mas receberam indulto em 2022, durante a presidência do democrata Joe Biden. Como o terceiro, Carlos Erik Malpica Flores, são sobrinhos do presidente por parte da primeira-dama, Cilia Flores.

A apreensão do petroleiro diante da costa venezuelana marca uma nova etapa no cerco político e militar imposto ao regime de Caracas pelo governo de Trump, que em setembro deslocou para o Caribe o grupo naval de combate liderado pelo porta-aviões USS Gerald Ford. A operação, apresentada oficialmente como uma ofensiva contra o narcotráfico, resultou desde então no afundamento de mais de 20 embarcações, com ao menos 84 mortes.

A Venezuela protestou contra o arresto do navio e denunciou-o como "roubo descarado" e "ato de pirataria". Diante da ação militar norte-americana, Maduro decretou mobilização nacional e vem repetindo a promessa de resistir a um ataque direto ao país. Os estudiosos ouvidos pelo **Correio**, porém, duvidam que o presidente possa levar a efeito as ameaças. "Ele não respondeu às incursões contra as lanchas (afundadas), e o novo episódio é muito mais sério, pois envolve o regime de sanções", disse a professora María Isabel Puerta. "O regime carece de capacidades para uma confrontação direta com os EUA", concorda Orlando Vieira-Blanco.

GUERRA NA UCRÂNIA

Zelensky admite que pode ceder territórios

Pela primeira vez desde a invasão russa, em fevereiro de 2022, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, admitiu ontem aceitar que Moscou anexe ao menos a parte do território que ocupa, na região do Donbass, no extremo leste do país. "Nossa posição é de que é justo ficarmos (cada um) nas posições que ocupamos, ou seja, na atual linha de frente", disse à imprensa em Kiev.

Zelensky comentava uma versão atualizada que recebeu dos Estados Unidos para um possível plano de paz — "não um documento apenas, mas um conjunto deles", detalhou. Sobre a questão territorial, um dos pontos cruciais em negociação, admitiu pela primeira vez a ideia de fazer concessões em troca do fim do conflito. "Os russos querem o Donbass inteiro, mas nós, é claro, não podemos concordar com isso", ponderou. "Se um dos lados for recuar, por que a outra parte não pode fazer o mesmo, na mesma extensão, na direção oposta?"

Como opção para um acordo, o presidente ucraniano acenou com a proposta dos EUA de estabelecer uma área de

Aitilla Kisbenedek/AFP



livre-comércio em porções das regiões de Donetsk e Lugansk das quais suas forças se retiraram. No processo de negociações mediadas

pelos EUA, a Rússia se refere a isso como uma "zona desmilitarizada", e Zelensky reconhece que restam "questões sérias" a discutir. "Se parte

das tropas vai se retirar mas parte vai ficar, o que impede que essas forças (russas) possam depois avançar novamente?", argumentou.

Para a latrina

Nas ruas de Budapeste, capital da Hungria, um outdoor critica a destinação de bilhões de euros pela União Europeia (UE) para financiar o esforço de guerra da Ucrânia. O cartaz mostra a presidente da Comissão Europeia (CE, braço executivo da UE), Ursula von der Leyen, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, e o dirigente oposicionista húngaro Peter Magyar esvaziando sacolas de dinheiro (na moeda nacional) em um vaso sanitário dourado. O protesto é patrocinado por um movimento político ultranacionalista que apoia o presidente Viktor Orbán, um dos governantes europeus mais avessos à posição pró-Kiev assumida pelo bloco. O texto do cartaz diz: "Eles aumentam os impostos e despejam o seu dinheiro na privada de ouro ucraniana".

Negociações

O presidente ucraniano passou em revista as discussões que manteve em Londres, no início da semana, com o premiê Keith Starmer, o presidente da França, Emmanuel Macron, e o chanceler (chefe de governo) da Alemanha, Friedrich Merz. Abordou também as conversações relatadas pelos emissários que se reuniram em Washington com o enviado especial da Casa Branca para a Ucrânia, Pete Hegseth, e o genro do presidente Donald Trump, Jared Kushner. Os

dois estiveram em Moscou para negociar diretamente com o presidente Vladimir Putin.

Funcionários europeus informaram à norte-americana CNN que uma delegação ucraniana deverá ir a Paris, no fim de semana, para uma nova rodada de negociações. Zelensky insiste em que as partes devem chegar ao menos a um acordo provisório antes que seja possível adotar um cessar-fogo. Mas indicou que Washington espera um "entendimento completo" em torno do plano de paz proposto por Trump "até o Natal".